

A Resurreição de Nosso Senhor

(Quadro de B. Annoult).

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 2\$400

Semestre 1\$200. Trimestre 600, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregador
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 197

Braga, 7 de Abril de 1917

Anno IV

Bordados Suíços



directamente da Suíça,
franco de porte a domicilio!

Peçam hoje mesmo a nossa coleção contendo 70 figurinos novos com amostras bordadas, representando de modo muito exacto a execução maravilhosa dos nossos bordados afamados, assim como os nossos catalogos de bordados para roupa branca, collares e lenços d'assoar com verdadeiro bordado suíço.

Esta coleção é enviada franca contra a remessa d'um sello de 5 centavos.

A escolha comprehende blusas e vestidos para senhoras, meninas e crianças em Cambraia, Veo, Crêpe, Gandie, Linho, etc. e bordado sobre sedas novidades desde frs. 3.90

Os nossos bordados, como não são cortados, podem ser confeccionados facilmente sobre todos os padrões.

Ao mesmo tempo offerecemos a nossa coleção das ultimas novidades em sedas para vestidos e blusas: Tafeta, Crêpe, Charmeuse, Gabardine, Eoliense, Fália, Cotele, Veo, etc., cambraia, suíça 120 cm de largura desde frs. 2,50 o metro. Grandissima escolha sobretudo em preto, meio luto, assim como em branco e côr. Esta coleção é igualmente enviada franca contra a remessa d'um sello postal de 5 centavos.

Schweizer & Co. Lucerne, 82
(Suíça).
Casa Suíça — Mercadorias Suíças.

Lizos Imprensos Escosez

Tafeta
Crepe
Chameu
Gabardine
Eoliense
Fália
Cotele
Veo
etc.

Livraria e Papelaria CRUZ & COMP.^A (Editores)

121, Rua Nova de Sousa, 133--BRAGA
Telephone n.º 29 Telegrammas:—**CRUZ LIVRARIA**—BRAGA
Casa fundada em 1888

Editora de muitos livros approvados e adoptados em todo o paiz, para o ensino primario, normal, secundario e superior e de muitos volumes religiosos, litterarios, etc. etc.
Remette-se o catalogo a quem o requisitar.

BANCO POPULAR PORTUGUEZ

SEDE NO PORTO:
46—Rua do Loureiro—48
Com representação em todo o paiz
EM BRAGA:
Manuel da Conceição Rocha & C.^a
ABRE BREVEMENTE

Paramentaria, Sirgaria e
Artigos militares
—DE—
RIBEIRO DE CASTRO & VILLELA
99, Rua do Souto, 101
MISSAES BRAGA **BREVIARIOS**

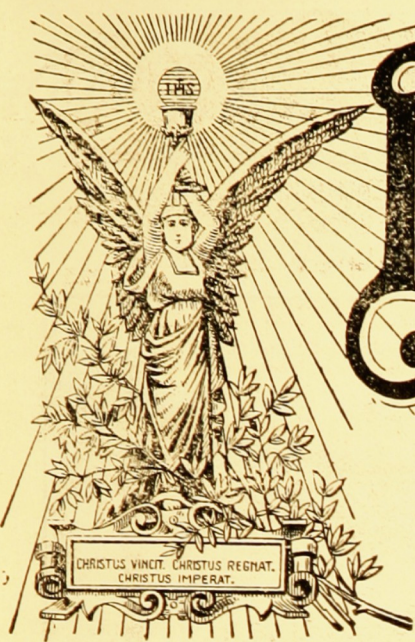


ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

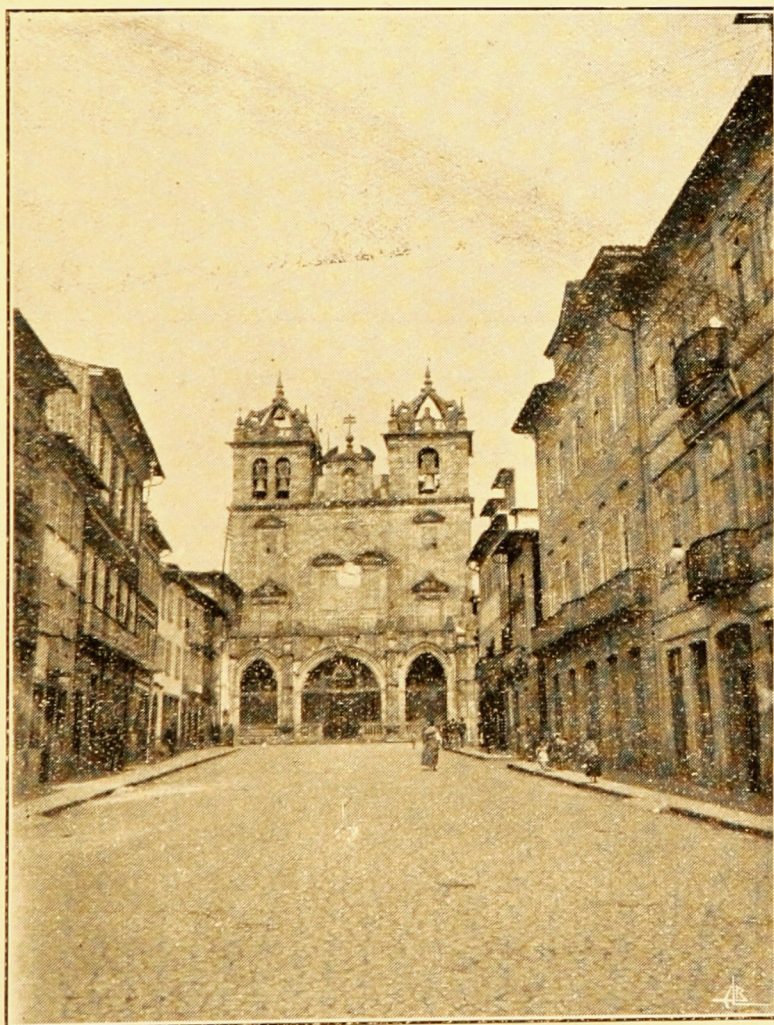
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 7 de Abril de 1917

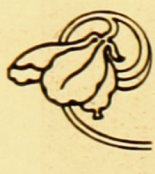
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, P. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 197—Anno IV

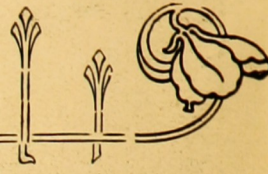
BRAGA



A sacrosanta Basilica Primacial, onde se estão celebrando, como é uso todos os annos, e com grande brilhantismo, as solennidades da Semana Santa.



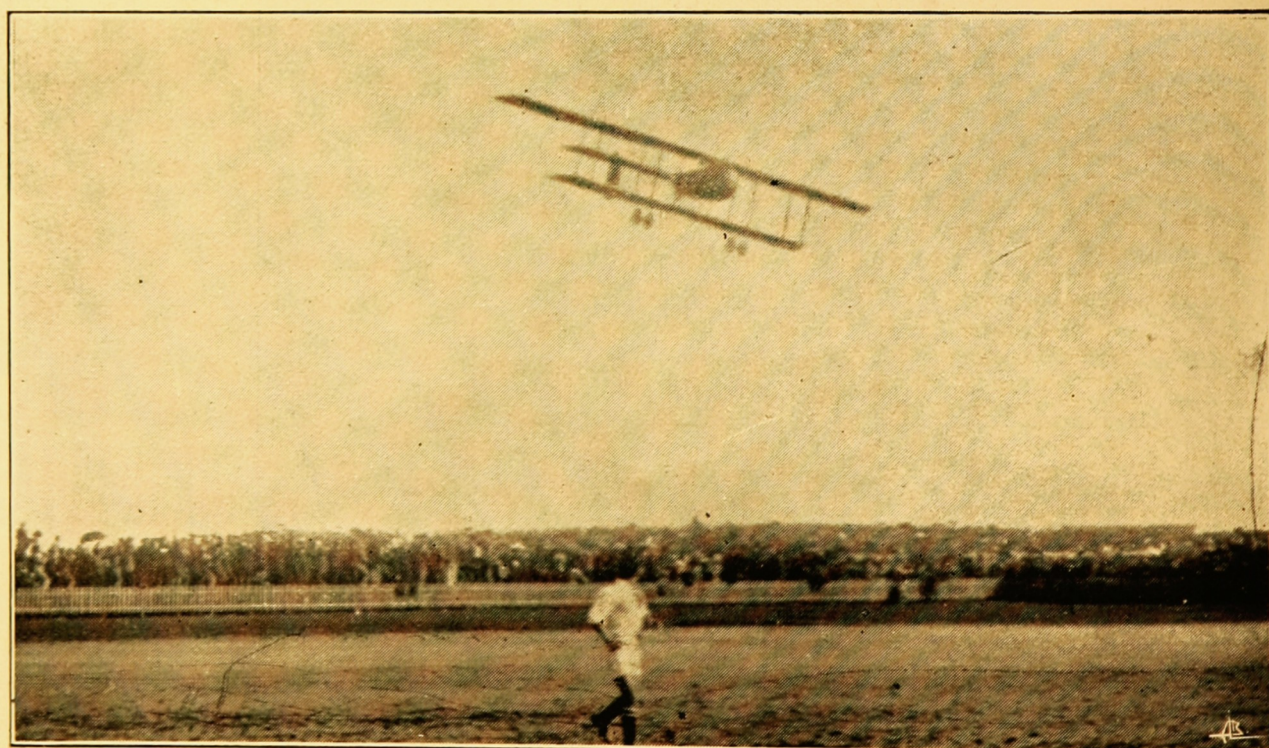
FACTOS



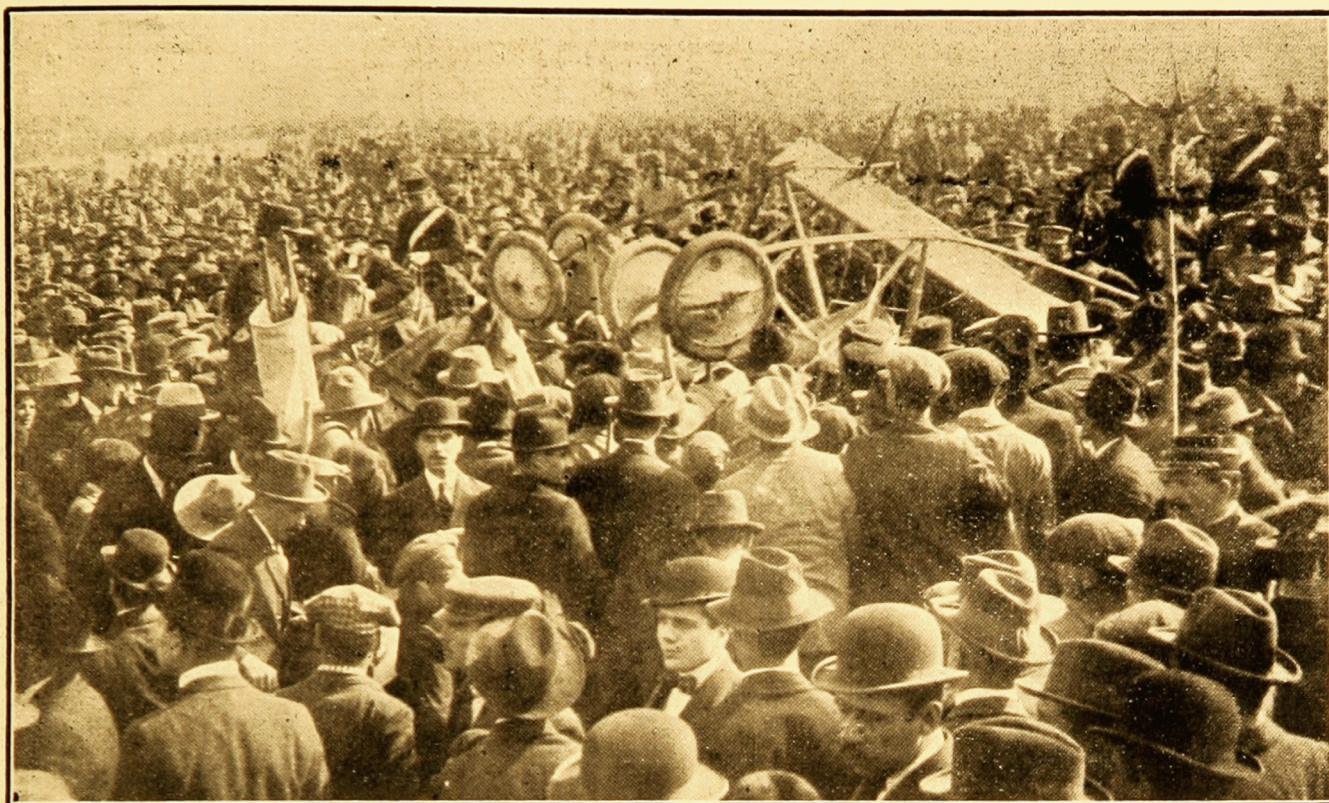
LISBOA—As provas finais dos nossos aviadores



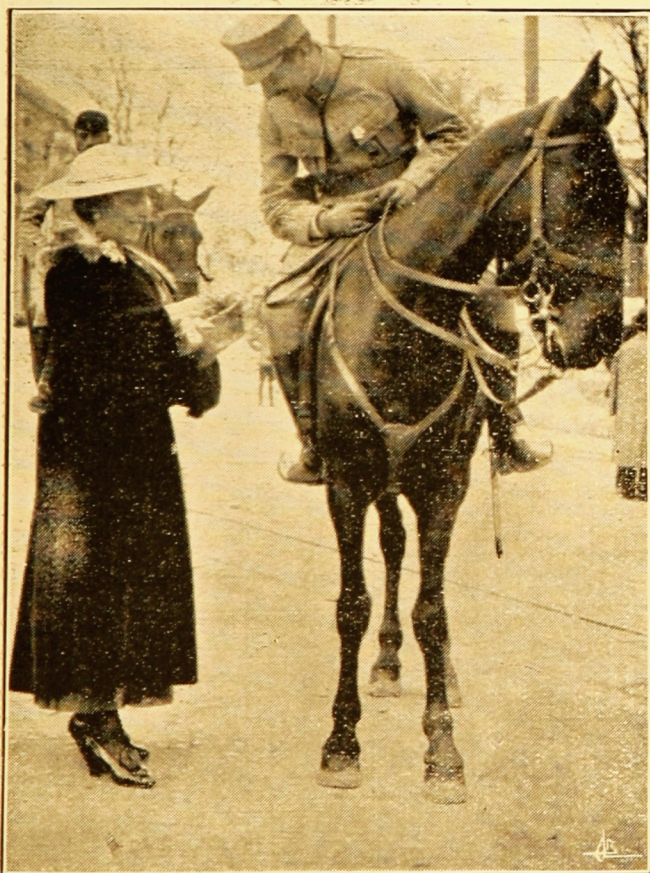
O Ministro da Guerra voando



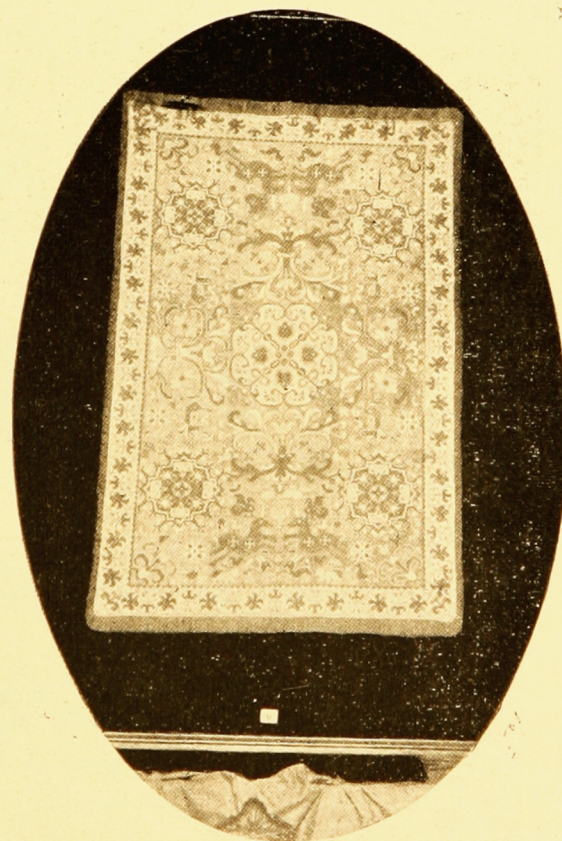
O aeroplano pilotado pelo tenente Sacadura



O desastre do tenente Sacadura



Venda da flôr—Um official comprando uma flôr



O mais rico tapete da exposição. Pertence ao snr. José Relvas

Exposição de Tapetes de Arayollos

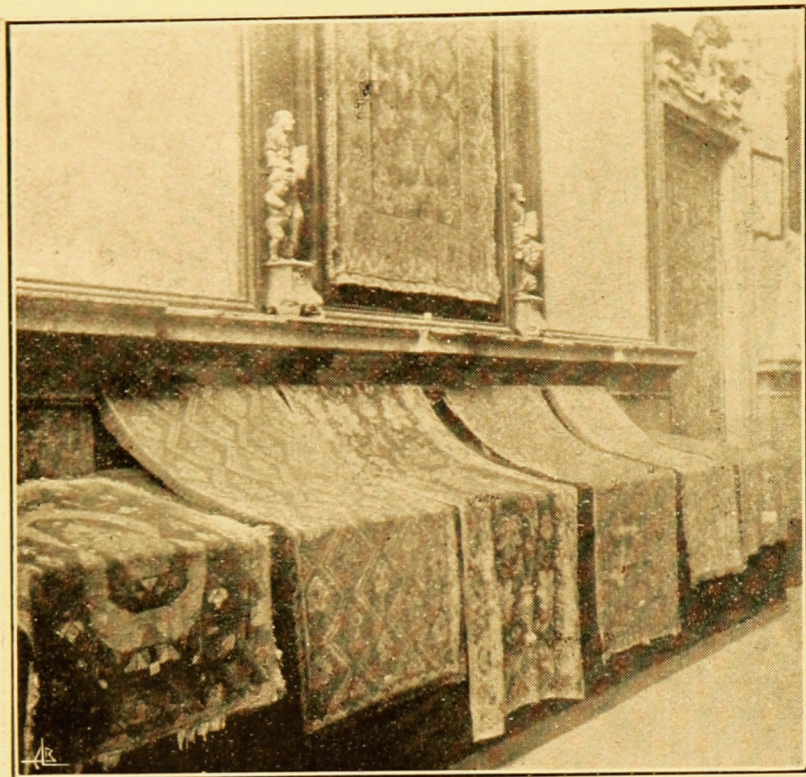
No Museu do Carmo, em Lisboa, está actualmente uma das exposições mais interessantes, que ultimamente temos visitado.

Preciosos exemplares de Tapetes de Arayollos se admiram, dispostos com elegancia,

em quatro salas da Associação dos Archeologos.

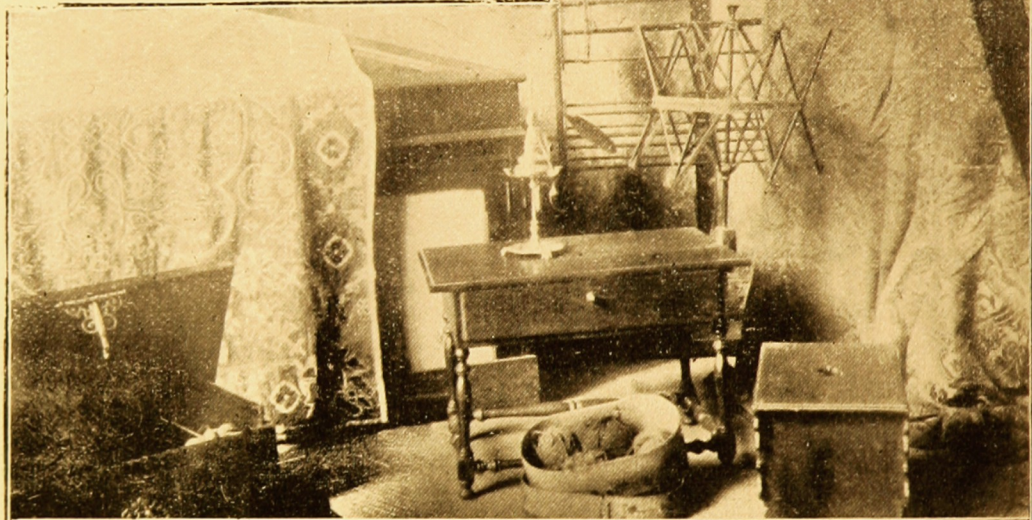
E' a primeira exposiçào no genero, que se realiza em Portugal.

Foi uma feliz ideia, a sua realizaçào, pois foi dado aos amadores da boa Arte Portuguesa poderem apreciar, um tão grande numero de exemplares da notavel industria caseira, que attingiu tamanha grandeza, nos seculos XVI e



Um aspecto da exposição

O grande artista José Queirós, organizador d'esta exposição, deve sentir-se feliz, pelo agrado e successo que ella causou e certamente, todas as senhoras que a tem visitado e que tem sido em grande numero, lhe enviarão sorrisos de agradecimento, como o sabem fazer as senhoras portuguezas, a



N'um recanto d'um salão



O pastor alemtejo zagalte, com o seu rebanho, que se encontra á entrada da exposição, e que para alli veio do Alemtejo para melhor imprimir o verda leiro caracter local. Veste o fato rustico do pastor e tem no braço um tarro de cortiça

XVII, e que imperdoavelmente decahiu.

Como é encantador observar os preciosos exemplares, onde se sente vibrar a alma da mulher portugueza, com toda a sua ingenuidade e candura, cheia de graça e talento.

Que delicadas mãos bordariam aquellas joias? mãos de freiras e fidalgas; talvez mãos de fadas, e porque não, um anjo do Ceu?

Com que commoção vimos esses trabalhos, que sô nos fallam de ternuras, de bellezas da paz e socego do lar, tão pouco respeitado, n'esta grande convulsão, em que actualmente se agita quasi o mundo inteiro!

todos aquelles que fallam a linguagem do Bello!

Sentimos, que a falta de espaço, não nos permitta fazer mais minuciosa referencia a esta interessantissima exposição e ao pequeno pastor alemtejo, zagalte, que com o seu rebanho está á entrada da exposição e que um notavel escriptor, disse ter a impressão, de que, aquella figurinha de tanta ingenuidade, «descera de um auto de Gil Vicente, ou de um presepio de Machado de Castro» tão encantadora, tão local ella é, que nos sentimos em uma charneca alemtejana.

Lisboa—Março.

VI GATO SILVA.

CHRONICA DA SEMANA

Um domingo...

... **E** assim passou mais uma Santa Semana da guerra, com uma tristeza que chegou a penetrar escassa a vida moral dos burgos populosos, e que deveria ter chamado às aldeias uma forte, longa e dolorida saudade.

Curioso é porém, que toda a vibração alegre e clara das *Alleluias* apenas a posso recordar agora! Não a ha nas cidades. Não a sinto na lúcida côr das manhãs diáphanas, no ar lavado e puro, nas proprias faces que por mim passam com apparencia mais ou menos prazenteira... Só recordando um tempo recuado de quinze ou dezaseis annos, me é licito refazer o lindo quadro da manhã d'Alleluia portugueza e fital-o d'aqui, abstrahindo de todo o falso brilho dos domingos urbanos, cuja relativa paz é tão sómente o somno passageiro d'um trabalhador cansado. Fóra d'aqui, o domingo é para os bailados gracis das camponezas, para a egreja cheia de suavidade christã e de fragancias, para as alegrias dos olhos e das almas, sinceras e communicativas, como a viridencia que acorda na paisagem primaveril aos dardejos d'uma luz que resurgiu das brumas.

O domingo da cidade é uma coisa ficticia, convencionalmente chamada *domingo*. Pela manhã, ainda a animação das ruas e mercados fornece em vestes escovadas, gravatas e botas novas, motivos de distracção, de um tanto interesse. Mas vejam-se passar essas horas, desde o meio dia ás 5 ou ás 6, horas de silencio nas ruas quase desertas, com seus predios herméticamente cerrados, com suas taboletas frias de abandono, e comprehende-se bem que toda ou quase toda a gente dorme fatigada, com os nervos lassos e as palpebras pesadas, como se houvera feito no transcurso das noites dos oito dias findos, uma vida de esturdia e de bohemia, entre cafés, casas de jogo e o mais que ha...

O burguez dorme; está estafado. E' justo. Hoje é domingo. D'aqui do alto da cidade, olhando-a um pouco demoradamente, apurado o ouvido, eu ouço-lhe o resonar em variações d'escalas. O burguez dorme.

Mas eis que ahi pelas 6, 7 da tarde começa a atormentação das campainhas dos cinemas; da terra para o mar a luz se escôa n'um esmaecer pobremente purpurisado e mais rapido, como em todos os poentes citadinos; rompem as buzinas dos *autos*, jorrandos clarões, em largas curvas de vertigem; renova-se o som do rodar das carruagens; são mais irritantes os pregões agudos—e o burguez accorda, manda vestir a familia e marcha, obediente ao vicioso circulo dos seus habitos, para as bilheteiras dos *cinemas* e theatros, pasmar os olhos em *fitas* de 30 séries e 50 mortes ou lascar pilhérias sonoramente gargalhadas ante qualquer scena de revista, e trazer para casa um namôro e meia duzia d'esses boatos imbecis que por ahi fazem o seu giro venenoso, victimando a paz dos lares que tem alguém a caminho da Africa ou da França...

O leitor dirá se mesmo com os templos abertos e concorridissimos como agora—é possivel viver um domingo de Paschoa n'estas terras, e pode imaginar com que sinceridade o meu amigo dr. X..., com toda a sua nervosidade vibratilissima de artista em permanente lueta com a vontade de lutar e de vencer, grita n'um dia d'estes, furioso que «quer desalar, estalar as algêmas e fugir para o Douro a sete pés».

E accrescenta muito gravemente:

— Porque v. sabe: isto de resurreição em Portugal é uma léria!

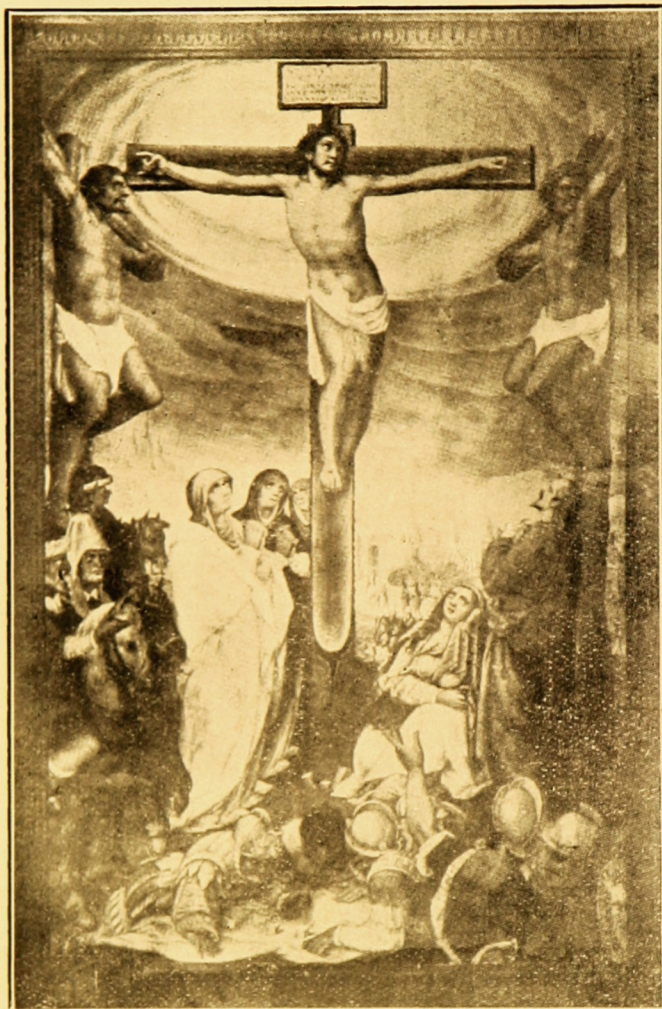
Eis o que o leitor fica sabendo d'esta chronica...

F. V.

PALESTRAS DE ARTE CHRISZÃ

XII.—Technica da pintura (Miniaturas)

DEIXANDO de parte outros generos de pintura como a *de caustico* (em que a cêra e o fogo eram os elementos principaes, e o fundo: marfim ou madeira), a *esgrafiada*, usada nas fachadas dos palacios, e do *pennejado* imitando traços de penna, as *aguadas* que eram, no dizer dos romanos, pinturas monochromaticas, etc. trataremos sô brevemente das illuminuras ou pintura de illuminação, tão frequente nos livros liturgicos christãos. Os missaes e breviarios antigos, os codices da Sagra-



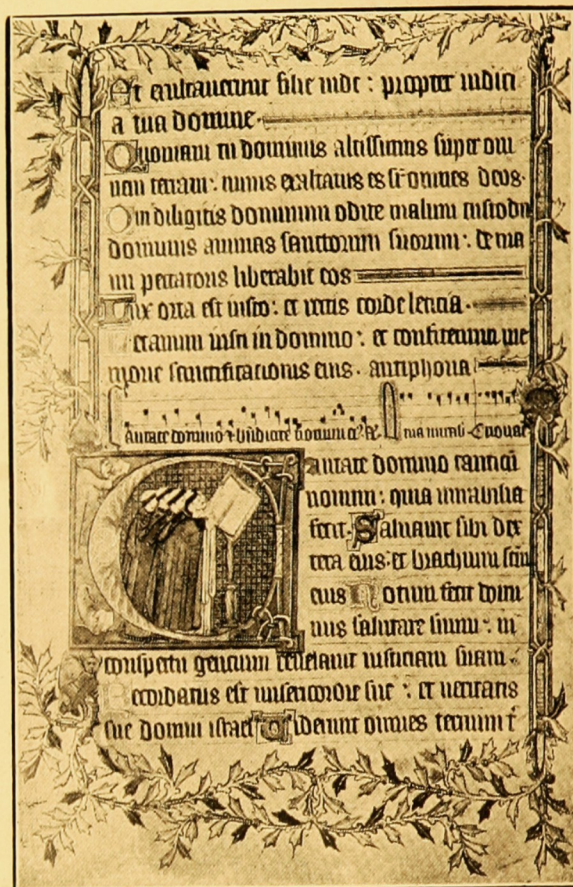
Illuminura da decadencia, d'um codice da Bibliotheca imperial de Vienna de Austria

da Escripura e dos Santos Padres, as copias dos auctores classicos gregos e latinos que a paciente laboriosidade dos monges medievals salvou do cataclysmo da barbarie, apresentam todos ou quasi todos illuminuras ou miniaturas de grande importancia para o estudo da arte christã.

A miniatura é uma especie de aguarella: as côres usadas são analogas ás d'estas, mas o fundo é de pergaminho ou marfim, e as proporções são minusculas, pois se limitava ás iniciaes dos capitulos, ou frontispicio do livro.

«A primeira operação, diz Grossi Gondi, seguindo a Lecoy de Marche, consistia, para os artistas medievals, em traçar com a penna molhada em tinta preta ou *bistre* e algumas vezes vermelha, os contornos do desenho. Da mesma penna servia-se o artista para cobrir os fundos ou completar alguns pormenores. Enchia depois o interior d'estes desenhos com tintas eguaes, sobre os quaes voltava em seguida para desenhar as sombras e dar os tons escuros. Os artistas bizantinos começavam ao invêz por estender uma tinta de côr n'outra ou esverdeada, traçavam sobre ella o desenho, e para o aperfeiçoar, limitavam-se a tornar n'elle claros os relevos e carregadas as sombras.» Cfr. *Les manuscrits et la miniature* pag. 303).

Ao artista que trabalhava nas miniaturas dava-se o nome de *Miniatura do missal de Estevam de Vasconcellos* *illuminator* ou *paginator*: distinguia-se do copista ou caligrapho, e



Uma pagina do Psalterio de Dublin com illuminuras



parece até que se reputava superior a este. Lecoy de la Mancha, quer ver nos autoretratos dos miniaturistas um ar de bem estar, independencia, superioridade, etc.

Os copistas deixavam em branco as paginas que deviam ser illuminadas e os logares onde deviam ficar as iniciaes ornadas. Algumas vezes escreviam ao lado indicações do genero de pintura com que deveriam ser preenchidos: **Hic pingatur papa genuflexus**, **Hic ponatur mulier in habitu viduali**. Aqui pinte-se um papa, de joelhos; aqui ponha-se uma mulher vestida de viuva.

Chama-se a esta arte *illuminura*, de *illuminar* ou illustrar o livro. O outro synonymo *miniatura* vem de *minium* (zarcão), côr mais geralmente empregada nos exordios da technica.

No seculo XV em Portugal este ramo das artes alcançou o seu esplendor. Ainda hoje se conservam os livros de Horas de El-Rey D. Duarte e da Rainha D. Leonor, verdadeiras joias miniaturaes. A' polychromia juntaram-se os doirados; a perfeição dos pormenores nos quadros complexos que se introduziram, faz das miniaturas um auxiliar precioso da historia.

O mais antigo exemplar de miniaturas christãs que se conserva (não o original, mas em tres copias fieis d'este) é o Calendario Philocaliano, escripto no anno de 354 por Furio Dionisio Philocalo, artista que trabalhava ás ordens do grande papa portuguez S. Damaso I. E' seu contemporaneo o codice conhecido pelo nome de Virgilio do Vaticano. A Biblia illuminada mais antiga é o Genesis Vindobonensis (de Vienna). As mais antigas miniaturas byzantinas d'este genero são as dos Codices das obras de S. Gregorio Nazianzeno.

AGNUS.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Retalhos

FRANCAMENTE, este março de neve e de chuva que Deus louvado — expirou ha dias com vendavaes e nevões, foi fatal para a politica europea. A primavera surge este anno fatidica, sangrenta, como um presentimento cruel e a primeira andorinha, que hontem se hospedou no meu beiral, traz as azas tintas de sangue. A ironia da vida fez do eterno sorriso da natureza, um esgar de sarcasmo, e o sol primaveril, rasgando as ultimas nuvens do inverno moribundo, scintilla como uma chaga, alastra como uma mancha de sangue. E' que o mundo revolve-se, ambicioso e desvairado, n'um oceano macabro de carnificina. A Russia está fruindo já o quinhão amargo do seu desvario e esse pobre imperador, esse fatidico desventurado Romanoff, que obstinadamente fechou os ouvidos á voz d'ameaça, exerce já a mais terrivel e amarga das realezas — a realeza da desgraça. Pobre desventurado imperador, expiando as culpas d'uma raça, penitenciando os desvarios d'uma politica cega d'interesses e d'ambições. Trahido, abandonado d'aquelles que mais serviu, teve na hora do perigo um só braço que o defendera — o seu braço, que o destino fadou para a maior das amarguras: talhar a sentença propria. Horas antes, teve reverencias submissas d'escravos mas no instante do perigo, só viu inimigos, só encontrou traições. A onda vermelha da revolução afogou todas as dedicções, varreu todas as amizades. O povo conquistou um direito, mas o povo — creança eterna! — foi lubridiado tambem. Como ao pobre e esquecido Czar adularam-o, reverenciaram-o humildes como escravos, mas no momento em que não mais foi precisa a onta, a marezia tragica do triumpho deu lhe o primeiro pontapé. Desvanecidos do poder esqueceram os compromissos da lucta e hoje, dias passados sobre a revolução o povo já não governa porque o povo foi duramente absorvido pelas seitas apaixonadas que lançaram o paiz na desordem e na anarchia. A Liberdade foi mais uma vez uma taboleta e o despotismo d'um homem converteu-se n'um despotismo mais feroz, mais sanguinario, mais desordenado: o despotismo dos homens.

Nicolau II está já duramente vingado: o povo queria comer e afinal, foi comido!

Nem mesmo a revolução calinou o iberismo precoce dos nossos estadistas. De repente, no Terreiro do Paço, surgiu um freslucado amorio pelo paiz visinho e d'ahi uma longa cantata de projectos, de missões, de cambios e intercambios possiveis, visitas e festanças, tratados e convenções, mas tudo com uma pressa uma azafama positivamente de namorado insatisfeito.

Alguns jornaes reflectem esta corrente e com a inconsciencia propria da quadra sinistra que vivemos e, com que sempre se abordam as questões de gravidade, fallam já solemnes e fataes, de tratados a fazer, para que se firmem as vantagens futuras d'um *zolwerein* iberico.

Evidentemente a nossa politica internacional deve orientar-se no sentido de intensificar as nossas relações com a nação visinha, á qual nos ligam fundas afinidades de raça e de lingua que convem aproveitar. Tenho mesmo por essa Hespanha hospitaleira e generosa, o carinho nascido em quatro annos de trato com alguns dos seus homens illustres, de convívio com as suas paysagens admiraveis, de relações profundas com a sua vida e com o seu labutar possante de nacionalidade austera, que quer viver, mas nem por isso vou na onda dos pregadores do *zolweranismo*, que me repugna e que me não satisfaz. Para certa gente na borda do democratico abysmo tudo pode servir que não servira para nós, que ha cinco annos de cruel adversidade, só pensamos e attendemos no bem d'esta pátria infeliz . . .

O *zolwerein* allemão foi por assim dizer a base da confederação germanica. Fez-se primeiro a união aduaneira e ligados os estados economicamente, a Prussia mordida d'ambição, pouco se cançou para estender as garras dominadoras. Depois da unidade economica a unidade politica. Mas por ahi continua na defeza do principio. Certos patriotas que assim tão desvairadamente curam dos interesses nacionaes estão-me dando mais do que nunca a pittoresca impressão de que não sabem o que dizem ou sabem demasiado o que querem.

E . . . até outra vez.

A "capa,, de S. Martinho

Palladio dos exercitos da França



erudito escriptor catholico francez Boneboeuf acaba de publicar sobre este assumpto um curioso artigo na *Semana Religiosa de Tours*. D'elle destacamos o seguinte trecho:

«A *capa* que se tornou tão celebre e que teve um papel tão glorioso era uma reliquia de S. Martinho e segundo a opinião d'outros e a mais justificada, era o manto que lhe pertenceu. Não parece com effeito, que se deva dar alguma importancia á hypothese admittida por alguns escriptores que era um véu de que o tumulo do santo do santo estava coberto.

Tem o defeito de supprimir toda a correlação entre o nome e objecto e de se tornar rendosa esta reliquia. Esta versão é inverosimil.

A *capa* era segundo o sentido proprio da nossa expressão, o manto de S. Martinho. Mas de que se trata? Era a metade da chlamide que o soldado catechumeno, dividiu com um pobre ás portas de Amiens?

Muitos historiadores inclinam-se a crêr e o seu sentimento é tanto mais respeitavel, quanto mais que esse facto concorda perfeitamente não só com o facto da veneração excepcional que se liga á *capa*, mas ainda o que se verá mais adiante, com o caracter authenticos dos documentos relativos a uma reliquia que a cathedral d'Auxerre possuia no seculo XII, e de que a historia nos falla. Entretanto explica-se difficilmente, é preciso confessar, como esta metade do manto do soldado de Amiens, se conservou durante 58 annos e como por outro lado se ligou tambem ao aprêço á posse d'uma outra veste de S. Martinho; a opinião mais auclorisada parece ser a que se vê na *capa* um manto que elle usava habitualmente nos ultimos tempos da sua vida, algum dos seus ornamentos episcopaes que os seus discipulos, sem duvida, recolheram piedosamente. E' esta a interpretação que melhor corresponde aos dados da philosophia, da logica e da historia.

A *capa*, reliquia preciosa e muito venerada, vem parar ás mãos d'um dos reis de França, Clovis ou um dos seus successores da primeira dynastia e elle tornou-a bandeira dos seus exercitos.

Não quero dizer com isso que ella fôsse um estandarte nacional nem mesmo um verdadeiro estandarte, isto é levado na ponta d'uma lança.

O estandarte de S. Martinho — sem relação com a *capa* — foi a bandeira senhoreal da Abbadia, que levavam os condes de Anjou, na qualidade de «procuradores» e defensores hereditarios do mosteiro, ou na sua ausencia os senhores de Prenilly, cujos sellos a representavam como uma auriflamma com tres pés. Mas só a partir do seculo X é que levaram esta bandeira á basilica antes de marchar para o combate e não se tornou nunca (os textos não o permitem suppôr) um estandarte nacional.

Os reis de França collocaram a *capa*, assim como outras reliquias cuja posse era uma salvaguarda, n'uma especie de caixa em forma de egreja portatil, *ecclesia portatilis*.

O relicario que a encerrava, só ou com outras reliquias, entre as quaes occupava o primiro logar, recebeu por d'ella o nome de capella que se estendeu depois ao oratorio onde ella se achava e depois a todos os oratorios ou egreijinhas. E os padres que estavam encarregados da guarda d'estes relicarios o nome de capellães.

Em tempos de paz os juramentos solemnes, que impunha a justiça soberana, faziam-se sobre a insigne reliquia. Sabemo-lo por antigos formularios e diplomas reaes perfeitamente authenticos dos seculos VII e VIII.

N'essa epoca accidentada onde muitas pessoas não sentiam a gravidade do perjurio era preciso recorrer a um *modus jurandi* que fôsse capaz de intimidar os aucliosos, e não só se obrigava a prestar juramento sobre a *capa*, mas tambem sobre o tumulo e o corpo de S. Martinho. Quando os reis da França, 1.^a e 2.^a dynastia, estavam em guerra, tomavam a caixa, contendo a preciosa *capa* que consideravam o symbolo e penhor da protecção do apostolo nacional para com a França.

A *capa* tinha assim o privilegio de levar á batalha os exercitos gaulezes. Era realmente o seu palladio, a sua presença no meio d'elles, segundo dizia o monge Saint Gall (que escreveu «*Les Gestes de Charlemagne*» em 884) era a «sua salvaguarda e o terror dos seus inimigos.» Walapud Strabon resumiu a mesma ideia em poucas mas expressivas palavras. «Os reis da França tinham de ordinario, consigo nos combates a *capa* do bemaventurado S. Martinho que os ajudava a ganhar a victoria.»

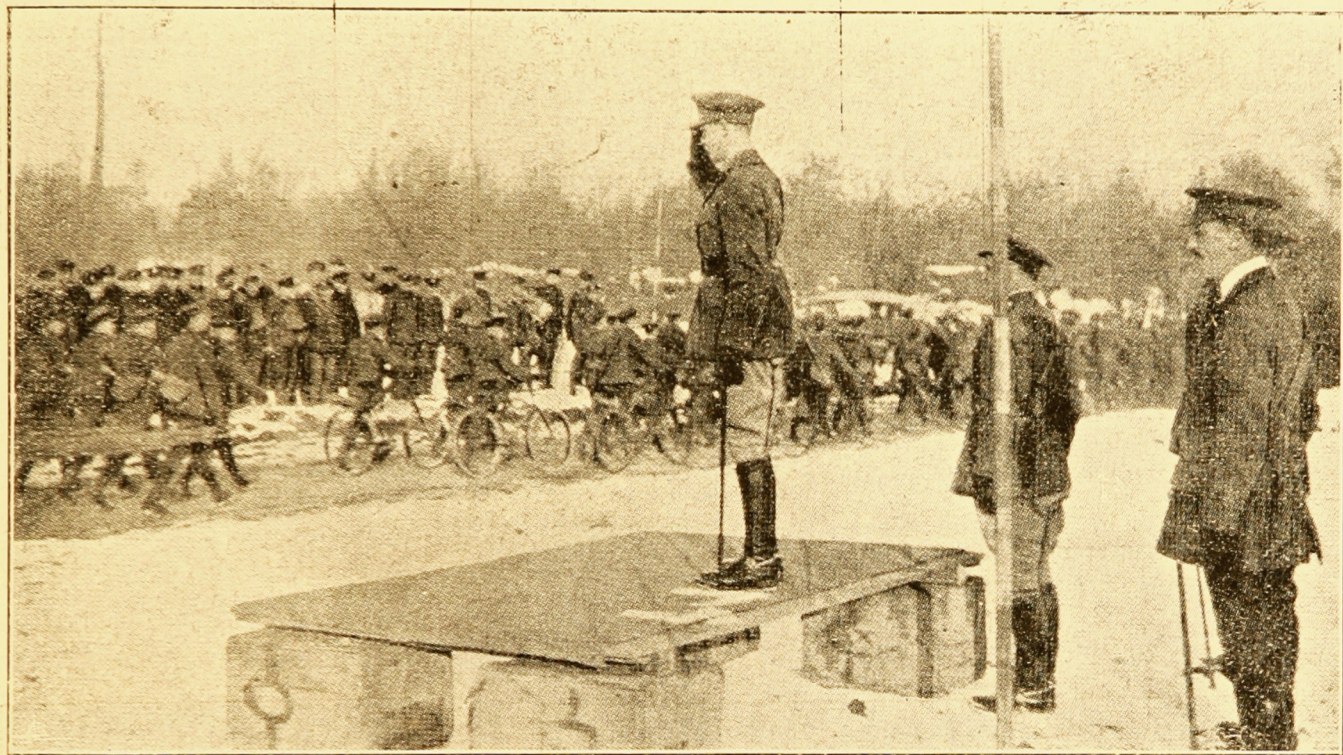
Foi com este mesmo sentimento de confiança na protecção do santo bispo que obedeceram os Tourageaux quando em 915 os barbaros vieram cercar a sua cidade.

Tendo o inimigo, depois de furioso assalto, conseguido fazer uma brecha nas muralhas, os habitantes desistiram de o deterem e apellaram então para o auxilio de S. Martinho. Os monges e os clerigos revestidos com as vestes sacerdotaes, tomaram a caixa que continha o seu corpo e levaram-o em procissão para a parte que os sitiados iam arrombar. A' vista d'isto, os barbaros atterrorizados retiram-se em desordem, e os sitiados encheram-se de coragem e deram cabo d'elles. E' este celebre facto que se commemora todos os annos, em 13 de maio, na festa da «Subvenção dos religiosos de S. Martinho.»

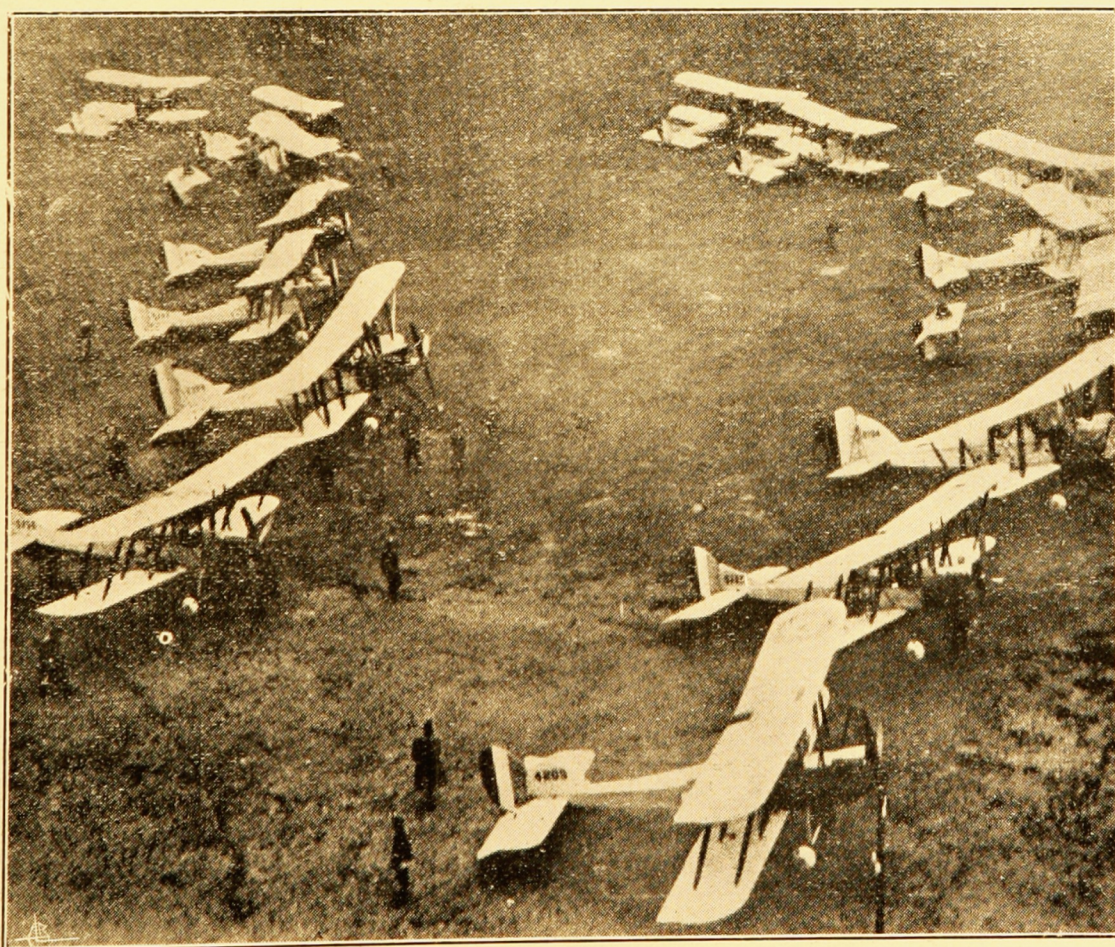
A *capa* que durante muitos seculos, na idade média, conduzia os exercitos francezes ao combate e á victoria, que é feito d'ella, desde o dia em que cessou de ser levada á guerra, quando a auriflamma romana e a de Charlemagne, foi adoptada como estandarte nacional e insignia suprema?

Ignoramo lo infelizmente; até hoje o thesouro real não foi devastado e o glorioso palladio tão venerado não foi por certo destruido, talvez fôsse dado a alguma egreja como presente real. Fôsse como fô-se, uma observação se impõe aqui muito interessante. No seculo XII a cathedral de Auxerre possuia um fragmento importante do manto do santo bispo que os textos de data posterior assignavam sob o nome de *Chlamide*. Um pedaço d'esta reliquia foi dado ao chanceler da egreja d'Amiens que fez presente d'elle á abbadia de Saint-Martin-aux-Juneam e mais tarde Luiz XI encerrou-a n'um rico reliquario representando a praça e os muros d'uma praça forte com a figura d'um santo e d'um pobre. Outros fragmentos foram distribuidos em diversos boccados. Tudo foi destruido pelos protestantes e revolucionarios, salvo uma ultima parcella conservada no mosteiro de Olivet (diocese de Orleans).»

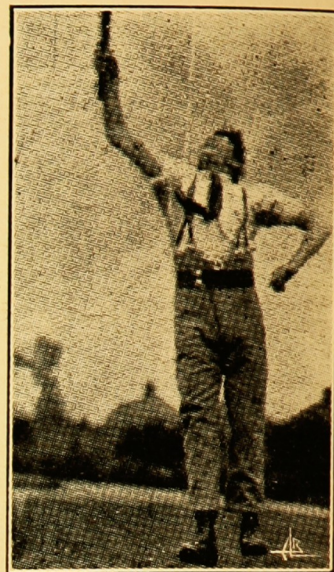
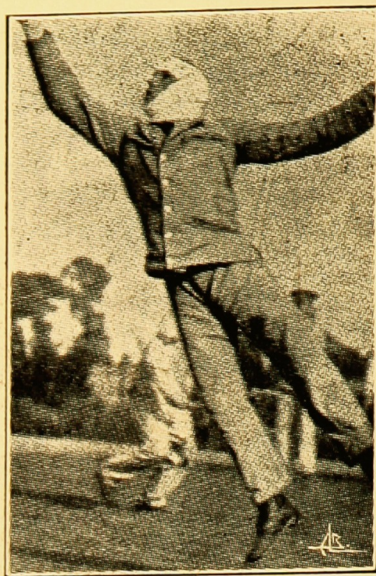
Páginas da Guerra Europeia



O Príncipe de Galles assistindo ao desfile d'um corpo do exercito, n'uma floresta trançada



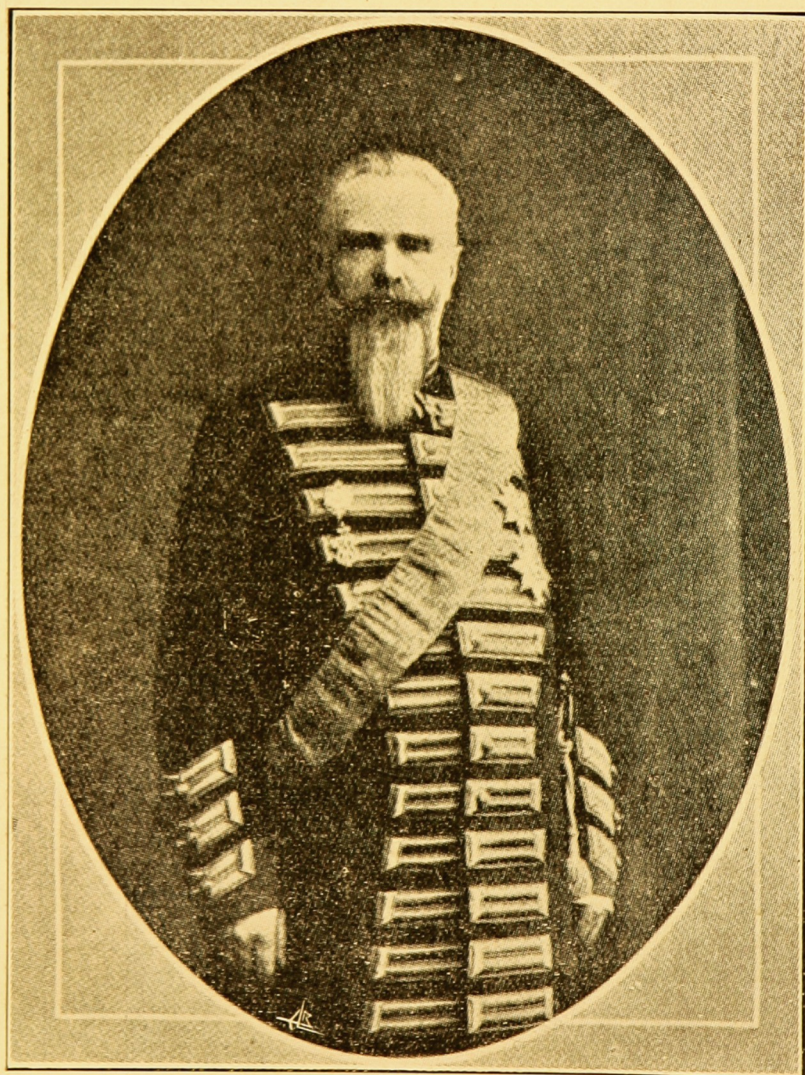
Um campo de aviação dos exercitos aliados, visto d'um aeroplano



Nos hospitaes inglezes

Tres soldados inglezes; um ferido n'um braço, outro na cabeça e outro nas costas, jogando durante uma partida de «tenis»

A Revolução russa



O antigo presidente do ministerio russo, Sturmer



A imperatriz da Russia

De subito deu se uma profunda modificação na Monarchia russa. O tzar Nicolau viu-se obrigado a abdicar o throno, e o governo provisorio constituido na Duma revolucionaria, parece inclinado á republica mais democratica e até mesmo socialista, tendo chamado para a pátria o principe Kropotkine, um dos chefes anarchistas. No inicio, do movimento foi accusada de germanophilismo a imperatriz, a quem se attribuiram entendimentos anti patrioticos com o ministro sr. Sturmer. A Russia está atravessando uma epocha de modificações profundas, das quaes a menor será o abatimento da dynastia Romanoff.

EM CHRISTO!

V

Foi assim que eu jurei a guerra ao Vício,
Esfarrapando a carne nos rochedos,
Despindo, ao pé de fontes e arvoredos,
O Peccado, o supremo malefício.

Foi assim que, ao fulgor d'um bom solstício,
Lavado em lágrimas, crispando os dedos,
Contei á solidão os meus segredos
Por ser o êrmo a contrições propício.

Comtudo, que derrotas eu padeço,
Recahindo nos erros, que abomino,
Na lama, na ignominia, que aborreço!

Mas, se assim é, por tristeza do destino,
Se humilhação tão grande inda mereço,
E' sempre unico norte o Amor Divino.

José Agostinho.

SONETO

Meu Deus, se eu vos houvera, sempre, amado,
Com um amor mais almo e comburente
Que a chiça mais formosa, fulva e ardente
Com que o Sol o infinito haja beijado:

Como um amor viril, immaculado.
Como os cânticos que hão de, eternamente,
Ir vibrando, no Empyreo, docemente,
Não se vira o meu peito angustiado:

Não merecera, agora, a negra dor,
Os estygios flagellos da Maldade,
Toda a gama da treva e do terror . . .

Se vos houvera amado, ó summo Bem,
Nem luz eu demandara nem verdade,
Que esse amor—oh, mysterio!—tudo tem.

Inédito, do livro
A' ventura...

Francisco Sequeira.

GOIVOS

Não te vás, sol d'estio, ch, não te vás!
Ai! afugenta-me esta magua immensa!
Nos meus olhos o pranto se condensa . . .
Oh! não te vás: dá-me consôlo e paz!

Em mim o soffrimento é pertinaz,
A dôr é sempre, em mim, feroz, intensa,
E quanto mais a noite se faz densa,
Mais em me torturar ella se apraz.

Vem, oh sol, vem doirar as pobres flôres.
Que vegetam no chão do cemiterio,
Junto á campa dos ultimos amores.

Oh, não! não fujas pelo espaço ethereo!
Sol, escuta, alumia as minhas dôres. . .
São mais tristes nas sombras do mysterio.

Zulmira de Mello.

BOTÃO DE ROSA

O botão que tu me deste,
E' de dôce arôma e côr;
Todo elle saudade veste,
Todo elle respira amôr.

Feliz ideia tiveste:
Lembra assim, encantadôr,
A tua imagem celeste,
O teu rosto, minha flôr,

Como prova de quem soffre . . .
Hei-de guardá-lo no cofre,
Onde encerro as prendas queridas.

E nas horas de amargura,
Orvalhá-lo-hão, com doçura,
Minhas lágrimas sentidas.

(Inédito)
Arouca-XII-1916

Antonio Vaz Pinto.

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos

Sã de Miranda

O poeta Sã de Miranda, porque era portuguez de antes quebrar que torcer, não se sentia bem na cõrte e retirou-se á sua quinta da Tapada, onde falleceu com 63 anos de idade aos 15 de março de 1558. Casou com D. Briolanja de Azevedo, senhora illustre e de illustres prendas, posto que já entrada em anos. Reparando nesta circumstancia a primeira vez que a viu, disse-lhe galantemente: —Castigai me, senhora, com esse bordão, pois cheguei tão tarde.

D. Marlins Janes de Barbuda

Fidalgo portuguez de tanto valor que por seus feitos contra os mouros, servindo o rei de Castella, chegou a mestre da ordem de Alcantara e sobre o seu tumulo escreveram:

—Aqui jaz aquele em cujo coração nunca favor teve entrada.

D'elle disse Carlos V:

—Esse fidalgo nunca devia de apagar uma vèla com os dedos.

Os Troianos

Chateau Brun, mordomo do duque de Orleans e escriptor dramatico, fez uma peça chamada *Os Troianos*. No dia da primeira representação, quando um personagem se lançava de joelhos aos pés do vencedor a expôr-lhe a miseria da sua patria e a pedir pão, um gracioso gritou da plateia:

—Eu me surpreenderia se não ouvisse fallar em comer numa peça feita por um mordomo.

O previdente

D. Antonio Pacheco, mestre de S. Tiago, gabava se de não haver para elle segredo, pois acontecimento que se desse logo elle o sabia. Ora chegando d'uma embaixada Rui de Souza, pai do Conde de Prado, perguntou-lhe D. Antonio Pacheco:

—Quando chegaste?

—Quando vós o soubeste.

Luiz XIV e o soldado

O cavallo d'um soldado tomou o freio nos dentes e em louca corrida atropellou o rei de França Luiz XIV. O rei, reposto do susto e muito indignado, deu uma bengalada no soldado. Este apeou se, apresentou a sua pistola ao rei, dizendo:

--Vossa Magestade acaba de me deshonrar, pois tirai me tambem a vida!

O rei, sensibilizado, apresentou as suas desculpas ao soldado e adiantou-o rapidamente na carreira militar.

Juiz e escravo

Ao juiz do crime Braz Soares trouxeram lhe uma noite um escravo preso por andar fóra depois do sino corrido.

—De quem és? Como te chamas? Onde te prenderam?

Repondeu-lhe o escravo:

—Senhor, sou escravo de D. Braz, chamome Braz, prenderam me a S. Braz.

Sentença do juiz Braz Soares:

—Eu Braz, tu Braz, de D. Braz e preso a S. Braz vai-te em paz.

Nada lá ficou

Disputando em certa questão Francisco Pescione e um grego, disse este:

—Ignorais que sou grego e que da Grecia saíram todas as sciencias?

Pescione olhando mais á Grecia moderna do que á antiga, respondeu:

—Dizeis bem, da Grecia saíram as sciencias, e por isso não ficaram lá.

Em vesperas de Aljubarrota

Saiu D. João I de Abrantes em busca dos hespanhoes, que já andavam em Portugal, e aconteceu que pondo-se a cavallo se lhe quebra um loro dos estribos, e vendo que os circumstantes mostravam tristeza, disse-lhe com a alegria dum romano:

—Calai vos, que assim como me não aguardam os loros, tambem me não hão de aguardar os castelhanos.

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte-Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (parvas textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arciepiscopado, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo a'gun clesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum
Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, 1.º em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Aranjera, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castelo, se residir no concelho de Vianna do Castelo; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Ribeiro, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos meiores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

A de Menezes

MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Francos de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—**TUY**.

BRAGA—Na administração da «Illustração Catholica» rua dos Martyres da Republica.

NO PORTO—Joaquim da Silva e Melo & C.^a—rua do Corpoda Guarda, 19 a 21.

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria.

TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor da Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu

Escola Normal e Commercio.

Escriptorio de Negocios Ecclesisticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA